

Contributo para a descrição da estrutura silábica do guineense

Describing Guineense syllable

Sandra Marisa Costa Chapouto

Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

smarisacc@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-4053-7457>

Isabel Pereira

Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

mipp@fl.uc.pt

 <http://orcid.org/0000-0003-3553-366X>

Abstract: This work intends to contribute to a better understanding of syllabic structure of Guiné-Bissau creole, namely with regard to: (i) the distribution of segments within the syllabic constituents, (ii) the establishment of syllabic boundaries in consonantal sequences that, at the phonetic level, do not respect the conditions of good syllabic formation and (iii) the description of phonological processes occurring in the syllable domain. The analysis of a corpus of oral productions allows to confirm that CV is the optimal syllabic pattern of Guiné-Bissau creole, but the patterns V, VG, VC, CVC, CVG, CVGC, CCV, _oC, C_o and CCVC also occur. However, they are marked patterns, due to its low frequency. The definition of these structures as syllabic possibilities in the language results from the application of universal principles of good syllabic formation, as well as the activation of several phonological processes of assimilation. As to syllabic constituents, we observed that the onset (that can only be filled by [-vocalic] segments) can dominate one or two positions in the skeleton; rhyme may be branched or unbranched; the nucleus only admits [-consonantal] segments and can dominate one or two positions in the skeleton; the coda (the less frequent syllabic constituent) only dominates one position in the skeleton and only admits segments [+consonant], the number of segments allowed being restricted.

Keywords: Syllable; syllabic constituents; Guinea-Bissau creole.

Resumo: Este trabalho pretende contribuir para o aprofundamento do conhecimento da estrutura silábica do guineense, nomeadamente no que respeita a: (i) a distribuição dos segmentos pelos constituintes silábicos, (ii) o estabelecimento de fronteiras silábicas em seqüências de segmentos consonânticos que, na estrutura de superfície, não respeitam as condições de boa formação silábica e (iii) a explicitação dos processos fonológicos que ocorrem no domínio da sílaba. A análise de um *corpus* de produções orais por nós recolhido permitiu-nos confirmar que CV é o padrão silábico ótimo do guineense, mas, além desta estrutura, encontram-se também os padrões V, VG, VC, CVC, CVG, CVGC, CCV, _oC, C_o e CCVC que, por serem estruturas que ocorrem com escassa frequência, são padrões marcados. A definição destas estruturas como possibilidade silábica na língua resulta da aplicação dos princípios universais de boa formação silábica e da ativação de diversos processos de assimilação. Relativamente aos constituintes silábicos, observámos que o Ataque (preenchido apenas por segmentos [-vocalico]) pode dominar uma ou duas posições no esqueleto; a Rima pode ser ramificada ou não ramificada; o Núcleo admite apenas segmentos [-consonântico] e pode dominar uma ou duas posições no esqueleto; a Coda (constituente silábica menos frequente) domina apenas uma posição no esqueleto e só admite segmentos [+consonântico] sendo restrito o número de segmentos que podem associar-se a este constituinte.

Palavras-chave: Sílaba; constituintes silábicos; guineense.

1 Introdução

Neste estudo, será apresentada a descrição das estruturas silábicas do guineense (ISO 639-3 pov) e dos padrões silábicos existentes nesta língua. Tendo em consideração os estudos existentes sobre o domínio silábico e com base na observação de um *corpus*, será descrita a distribuição dos segmentos pelos constituintes silábicos, serão formuladas propostas de identificação das fronteiras silábicas de acordo com os princípios de boa formação silábica e será apresentada a representação dos constituintes silábicos e dos processos que ocorrem no nível da sílaba.

Para a recolha do *corpus* foi elaborada uma entrevista com aspetos mais condicionados (leitura de uma fábula e de provérbios) e com aspetos menos condicionados (dizer os números, os dias da semana e os meses do ano; descrição de imagens relativas a atividades características da Guiné-Bissau) e foram entrevistados quatro falantes de guineense com idades compreendidas entre os 22 e os 30 anos,

provenientes de zonas rurais e urbanas, e que falam fluentemente o guineense. As entrevistas foram transcritas de acordo com as normas do Alfabeto Fonético Internacional e, nos dados obtidos, estão contempladas 2534 sílabas.

Os exemplos apresentados neste estudo estão acompanhados pela representação gráfica da palavra que, dada a inexistência de instrumentos de normatização da língua, está de acordo com a proposta de Scantamburlo (1999).

A descrição da estrutura silábica do guineense será apresentada de acordo com o modelo de Ataque-Rima (Goldsmith, 2011; Mateus, Falé, & Freitas, 2005; Ewen & van der Hulst, 2001; Selkirk, 1982).

1.1 Síntese dos estudos sobre a estrutura silábica do guineense

A estrutura silábica do guineense é descrita por Andrade *et al.* (1992, pp. 135-140), Couto (1994: 75-76), Kihm (1994: 13) e Mane (2001). Couto (1994), Kihm (1994) e Mane (2007) apresentam a estrutura CV como o padrão silábico ótimo do guineense. Segundo Couto (1994)¹ e Mane (2001), são também possíveis os padrões CVC, V, VC, CCV e CCVC e, de acordo com a proposta de Kihm (1994), além do padrão silábico ótimo, existem estruturas silábicas com Coda² e com Ataque ramificado³. Andrade *et al.* (1992) propõem a existência dos padrões V, VV, CV, CCV, CVC, CV α ⁴ e sintetizam as possíveis estruturas silábicas do guineense na representação (C(C)) (V) V (C)⁵.

¹Couto refere ainda a existência da estrutura CCCV, mas o autor ressalva que este padrão ocorre com maior frequência em crioulo aporuguesado e apresenta como exemplos *strela* (estrela), *strada* (estrada), *splika* (explicar), que alterna com *splik* e *skribi* (escrever), que alterna com *skirbi* (Couto 1994: 75).

²Segundo o autor, a Coda de uma sílaba em posição final, pode apresentar-se vazia ou preenchida por /N/, /r/, /l/, /y/, /w/, /s/ ou por uma oclusiva no caso dos adjuntos de intensidade: *burmeju wak* (muito vermelho). Em posição interior, apresenta casos como /kum-sa/ (começar) e /suk-ta/ (escutar) e propõe que sejam interpretados como a realização de superfície das formas /ku-mu-sa/ e /su-ku-ta/, respetivamente, em que ocorre supressão de segmentos e ressilabificação (Kihm 1994: 13).

³Kihm (1994: 13) salienta que o Ataque pode ser preenchido por um grupo consonântico e apresenta as seguintes possibilidades: /s)p(r̄l)/, /s)t(r)/, /s)k(r̄l)/, /br̄l/, /dr/, /gr̄l/, /fr̄l/.

⁴Segundo os autores, α corresponde a um autosegmento flutuante que pode ser N ou S e, quando se realiza no plano fonético, pode coocorrer na mesma sílaba com outro segmento consonântico (Andrade *et al.* 1992: 137).

⁵Os autores salientam que o *corpus* que serviu de base para o seu estudo não contempla exemplos de palavras com todas as estruturas consideradas na representação, mas alegam que esse facto não implica que essas estruturas não possam existir (Andrade *et al.* 1992: 137).

2 Descrição das estruturas silábicas

2.1 Ataque

O Ataque é preenchido apenas por segmentos [-vocálico], i.e., este constituinte só admite a presença de segmentos consonânticos e de glides (que adquirem, por defeito, o traço [+consonântico] ao serem associadas ao Ataque). O Ataque pode dominar duas posições no esqueleto (Ataque ramificado) ou uma posição no esqueleto (Ataque não ramificado) podendo, neste último caso, essa posição estar preenchida por um segmento ou não estar segmentalmente preenchida.

2.1.1 Ataque não ramificado

O Ataque de uma sílaba em início de palavra pode ser preenchido por qualquer segmento consonântico, à exceção de [ʎ], e também pelas glides [j] e [w]. Em posição de interior de palavra, este constituinte admite a presença de todos os segmentos consonânticos. Apresentam-se alguns exemplos de Ataque não ramificado preenchido por um segmento (1) em início de palavra (a) e em interior de palavra (b):

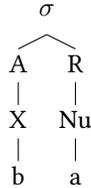
- (1) a) início de palavra
 [p] paga [pa.ga] (*pagar*)
 [b] baka [ba.ka] (*vaca*)
 [tʃ] tcubi [tʃu.bi] (*chover*)
 [dʒ] djubi [dʒu.bi] (*analisar*)
 [j] iagu [ja.gu] (*água*)
- b) interior de palavra
 [p] ropa [ro.pa] (*roupa*)
 [b] sabadu [sa.ba.du] (*sábado*)
 [tʃ] otca [ɔ.tʃa] (*receber*)
 [dʒ] odja [ɔ.dʒa] (*ver*)
 [j] saia [sa.ja] (*saia*)

À semelhança do que foi descrito a propósito do Ataque não ramificado preenchido por um segmento, também o Ataque não ramificado segmentalmente não preenchido pode ocorrer em início e em interior de palavra, como mostram os exemplos em (2):

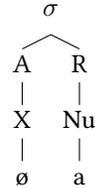
- (2) a) início de palavra
 abril [a.bril] (*abril*)

- b) interior de palavra
 dia [di.a] (*dia*)

(3) Representação em árvore de um Ataque não ramificado



Segmentalmente preenchido: [ba]



Segmentalmente não preenchido: [a]

2.1.2 Ataque ramificado

O Ataque ramificado é preenchido por uma sequência de segmentos consonânticos. No entanto, e à semelhança do que acontece em outras línguas, no guineense, encontramos restrições quanto às combinações possíveis entre segmentos consonânticos. Apresentam-se, em (3), exemplos ilustrativos dos grupos consonânticos que respeitam o Princípio de Sonoridade.

- (4) a) oclusiva + vibrante

i. início de palavra

- [pɾ] prasa [pra.sa] (*praça*)
 [br] brevi [brɛ.vi] (*breve*)
 [tɾ] tris [tris] (*três*)
 [dɾ] dritu [dri.tu] (*direito*)
 [kr] krimi [kri.mi] (*crime*)
 [gr] gravi [gra.vi] (*grave*) agricultura

ii. interior de palavra

- [pɾ] kompra [kôm.pra] (*comprar*)
 [br] labradur [la.bra.dur] (*agricultor*)
 [tɾ] ientra [jẽn.tra] (*entrar*)
 [dɾ] padri [pa.dri] (*padre*)
 [kr] sakrifis [sa.kri.fis] (*sacrifício*)
 [gr] [a.gri.kul.tu.ra] (*agricultura*)
 [tl] -

- b) oclusiva + lateral

- i. início de palavra
 - [pl] plaka [pla.ka] (*acalmar*)
 - [bl] bloku [blo.ku] (*bloco*)
 - [kl] klasi [kla.si] (*classe*)
 - [gl] glus [glus] (*guloso*)

- ii. interior de palavra
 - [pl] kumplimenta [kũm.pli.mẽn.ta] (*cumprimentar*)
 - [bl] -
 - [gl] [kl] saklateru [sa.kla.tɛ.ru] (*que cria confusão*)
 - inglis [ĩŋ.glis] (*inglês*)
 - [tl] atleta [a.tlɛ.ta] (*atletalês*)

- c) fricativa + vibrante
 - i. início de palavra
 - [fr] fresku [frɛs.ku] (*fresco*)
 - [fl] flur [flur] (*flor*)
 - ii. interior de palavra
 - [fr] afrikanu [a.fri.ka.nu] (*africano*)
 - [fl] aflitu [a.fli.tu] (*aflito*)

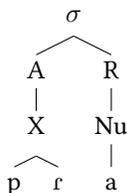
Os Ataques ramificados que se observam têm a estrutura oclusiva + vibrante ([pr], [br], [tr], [dr], [kr] e [gr]), oclusiva + lateral ([pl], [bl], [kl] e [gl]), fricativa + vibrante ([fr]) e fricativa + lateral ([fl]). Nos exemplos apresentados, está contemplada a sequência [tl], que ocorre apenas em interior de palavra, no entanto, ressalva-se que se trata de um grupo consonântico pouco frequente no guineense.

Todas as sequências apresentadas respeitam o Princípio de Sonoridade. Não se refere, neste trabalho, a Condição de Dissemelhança – que postula que, em cada língua, existem diferenças mínimas de sonoridade entre segmentos homossilábicos adjacentes e que, portanto, apresenta especificações diferentes em cada língua – por não existirem estudos que permitem defini-la para o guineense. Atendendo a que o *corpus* recolhido para a realização deste trabalho não é suficientemente extenso e variado, também não se estabelecem, neste estudo, as diferenças mínimas entre o grau de sonoridade de segmentos adjacentes na mesma sílaba. Contudo, da observação dos dados disponíveis, verificámos que, tal como acontece em português (Mateus & Andrade, 2000), os grupos consonânticos constituídos por oclusiva + vibrante/lateral são mais frequentes do que os que são compostos por fricativa + vibrante/lateral, o que parece evidenciar a preferência por sequências que apresentam uma distância de sonoridade maior entre os segmentos.

De acordo com os exemplos apresentados em (4), a sequência de oclusiva + vibrante ocorre em início e em interior de palavra e, em ambos os contextos, todas as oclusivas orais podem ser combinadas com o segmento vibrante. Na sequência de oclusiva + lateral, os segmentos [p], [b], [k] e [g] ocorrem nos dois contextos, [tl] só ocorre em interior de palavra e [dl], apesar de parecer uma estrutura aceitável, pois está de acordo com o Princípio de Sonoridade e apresenta uma distância de sonoridade entre os segmentos semelhante à de [tl], não ocorre no guineense. Nas sequências de fricativa + vibrante e fricativa + lateral, o número de combinações possível é mais restrito. De todos os segmentos [+contínuo] e [-soante], apenas [f] pode ser combinado com o segmento vibrante ou com o lateral.

Salienta-se que as possibilidades de combinação de segmentos consonânticos apresentadas nos exemplos de (3) ocorrem em palavras de origem portuguesa e são muito semelhantes às que existem em português: nesta língua, existem todas as estruturas exemplificadas, as estruturas com oclusiva + vibrante/lateral também são mais frequentes, a ocorrência de [tl] restringe-se também ao contexto de interior de palavra (em português, é também possível encontrar [dl], neste contexto, ainda que a sua ocorrência seja rara, tal como a de [tl]) e a possibilidade de combinações de segmentos fricativos com o segmento vibrante ou com o lateral cinge-se aos segmentos que se caracterizam pela ausência da propriedade [CORONAL] (nesta língua, podemos ainda encontrar [vr] em contexto de interior de palavra, ainda que a sua ocorrência seja rara).

(5) Representação em árvore de um Ataque ramificado: [pra]



Além das sequências apresentadas em (3 i, ii, iii e iv), é possível encontrar outras sequências de segmentos consonânticos em início (4a) e em interior (4b) de palavra. Os exemplos de (i) apresentam sequências de segmentos consonânticos fonológicos que, no nível fonético, podem apresentar diferentes realizações: nos exemplos de 4 a i), a sequência inicial realiza-se frequentemente como segmento pré-nasalizado e, nos exemplos de (4bi), pode realizar-se como segmento pré-nasalizado ou como segmento nasal homorgânico do segmento consonântico oral adjacente à direita.

(6) a) nasal + oclusiva

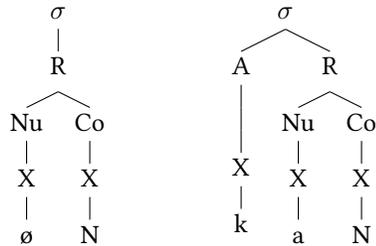
- i. início de palavra
 - [mb] mbarka [mbarka] [ẽmbarka] (*embarcar*)
 - [ŋk] nkanta [ŋkãnta] [ẽŋkãnta] (*encantar*)
 - ii. interior de palavra
 - [nt] dinti [dĩnti] (*dente*)
 - [nd] manda [mẽnda] (*enviar*)
- b) fricativa + oclusiva
- i. início de palavra
 - [sp] splora [splɔra] (*explorar*)
 - [st] strela [strela] (*estrela*)
 - [sk] skrita [skrita] (*escrita*)
- c) oclusiva + fricativa
- i. interior de palavra
 - [ks] seksa [sɛksa] (*secar*)
- d) outras sequências
- i. início de palavra
 - [sf] sforsu [sfɔrsu] (*esforço*)
 - [ps] psikolojiku [psikɔɔʒiku] (*psicológico*)
 - ii. interior de palavra
 - [ob] obdiensia [ɔbdjẽnsja] (*obdiência*)

Os exemplos apresentados mostram-nos sequências de segmentos consonânticos que, no nível fonético, parecem preencher o Ataque de uma sílaba. No entanto, estas sequências violam o Princípio de Sonoridade e levantam dúvidas quanto à identificação das fronteiras silábicas.

Observando os exemplos de (4 a i) e (4 b i), que ilustram sequências de segmento nasal + segmento oclusivo, verificamos que, no nível fonético, podemos encontrar realizações pré-nasalizadas, como [mbarka], ou realizações homorgânicas do segmento nasal de acordo com as propriedades de Ponto de Articulação do segmento consonântico seguinte, como [ẽŋkãnta]. De acordo com a proposta de interpretação do estatuto fonológico dos segmentos destas sequências apresentado em Chapouto (2014), o segmento nasal e o segmento oclusivo são heterossilábicos. Assim, o exemplo [ŋkãnta] apresenta uma estrutura silábica C.CVC.CV. Segundo esta perspectiva de análise, o segmento nasal inicial preenche a Coda de uma sílaba com Núcleo vazio e, neste contexto, partilha com o segmento adjacente à direita a especificação de nasalidade; em posição de sílaba interior, a expansão do traço [+nasal] afeta também o segmento vocálico adjacente à esquerda. Em exemplos como

[eŋkãnta], o Núcleo vazio, no nível fonológico, é preenchido, no nível fonético, por uma vogal que recebe também a especificação de nasalidade. Com esta divisão silábica, é respeitado o Princípio de Sonoridade, pois o primeiro segmento da sequência preenche a Coda da sílaba anterior e o segundo segmento da sequência associa-se ao Ataque da sílaba seguinte. Nas representações em árvore das duas primeiras sílabas de *nkanta* em a), a primeira sílaba, com o Núcleo não preenchido e, em b), a segunda, com o Núcleo preenchido por uma vogal), clarifica-se a descrição proposta.

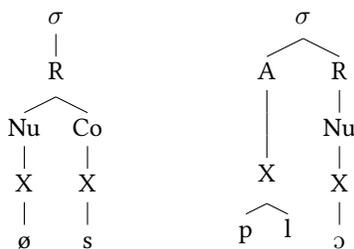
(7) Representação de /N.kaN/



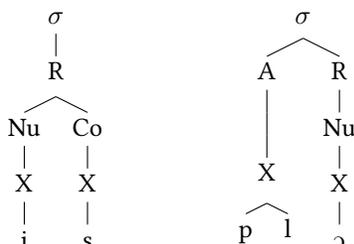
Núcleo não preenchido Núcleo preenchido por uma vogal

Os exemplos de (4 a ii) mostram-nos sequências de segmento fricativo + segmento oclusivo + segmento vibrante / segmento lateral. Se interpretarmos esta sequência como homossilábica, há violação do Princípio de Sonoridade – a sonoridade decresce do segmento fricativo para o segmento oclusivo e cresce do segmento oclusivo para o segmento seguinte – e do Princípio de Binaridade Máxima dos Constituintes – o Ataque domina três posições no esqueleto e não apenas duas. Se considerarmos a existência de fronteira silábica entre o segmento fricativo e o oclusivo, são respeitados todos os princípios de boa formação silábica. O segmento fricativo preenche a Coda de uma sílaba com Núcleo não preenchido e a sequência de segmento oclusivo + segmento vibrante / segmento lateral, que respeita o Princípio de Sonoridade, preenche o Ataque ramificado da sílaba seguinte. Outro argumento a favor desta hipótese é o facto de, nestas sequências em início de palavra, o segmento fricativo assimilar o traço [vozeado] do segmento adjacente à direita, assumindo, um comportamento semelhante ao que revela quando preenche a Coda de uma sílaba em interior de palavra. Além disso, à semelhança do que acontece com os exemplos de (4 a i), também é possível a prótese de um segmento vocálico antes destas sequências, por exemplo, *splora* alterna com *isplora*. As representações em árvore das sílabas iniciais de *splora* (diagrama 5) e *isplora* podem ver-se no diagrama 6:

(8) a. Representação de [s.plɔ]



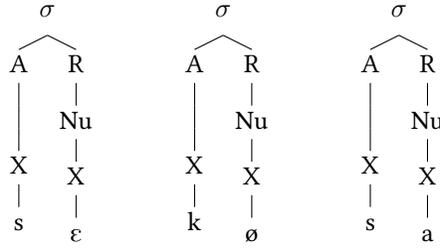
b. Representação de [is.plɔ]



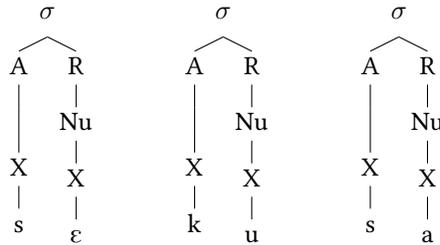
Observando o exemplo de (4 b iii), encontramos uma sequência de segmento oclusivo + segmento fricativo em interior de palavra. Considerando a hipótese de esta sequência ser homossilábica, é respeitado o Princípio de Sonoridade, pois o segmento oclusivo, que tem o grau mínimo de sonoridade, ocorre antes do fricativo, que tem um grau de sonoridade superior ao do segmento que o antecede. Contudo, embora não estejam determinadas as especificações da Condição de Dissemelhança para o guineense, salienta-se que a distância de sonoridade entre os segmentos é mínima, pois os segmentos oclusivos e os fricativos são adjacentes na escala de sonoridade. Se colocarmos a hipótese de os segmentos da sequência serem heterossilábicos, podemos questionar se o segmento oclusivo preenche a Coda da sílaba inicial da palavra ou se preenche o Ataque de uma sílaba com o Núcleo não preenchido. Atendendo a que a ocorrência de um segmento oclusivo em Coda é raríssima (e ocorre num contexto morfossintático específico) e tendo em conta que *seksa* alterna com *sekusa*, havendo a epêntese de um segmento vocálico entre a sequência de segmentos consonânticos, a possibilidade de o segmento oclusivo preencher o Ataque de uma outra sílaba e não a Coda da sílaba inicial parece ser mais adequada. A existência de um Núcleo vazio entre os dois segmentos consonânticos legitima a ocorrência da vogal epentética.

Esta proposta de identificação das fronteiras silábicas em sequências que violam os princípios de organização dos segmentos dentro das sílabas vai ao encontro da interpretação apresentada por Kihm (1994). Apresentam-se, de seguida, as representações em árvore das sílabas de *seksa* (diagrama 7) e de *sekusa* (diagrama 8):

(9) a. Representação de [sɛ.kø.sa]

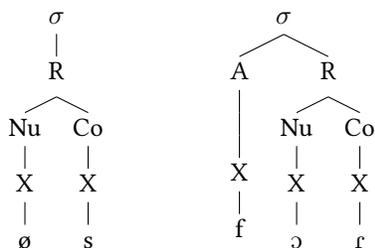


b. Representação de [sɛ.ku.sa]

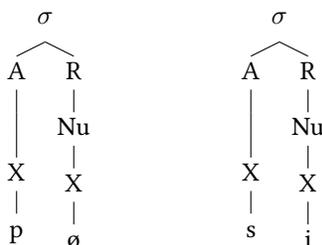


Os exemplos de (4 a iv) e (4 b iv) mostram-nos outras sequências de segmentos consonânticos, que são raras e que ocorrem apenas em palavras que entraram recentemente no guineense. À semelhança das sequências anteriormente analisadas, também estas estruturas violam alguns dos princípios de boa formação da sílaba e levantam dúvidas quanto à identificação das fronteiras silábicas. Nas sequências [sf] e [bd], há violação do Princípio de Sonoridade: os segmentos da sequência têm o mesmo grau de sonoridade. A sequência [ps] respeita o Princípio de sonoridade, mas apresenta dois segmentos adjacentes na escala de sonoridade e, no guineense, esta estrutura não é frequente. Assim, propõe-se também que os segmentos que constituem estas sequências sejam considerados heterossilábicos. Na estrutura [sf], à semelhança do que foi sugerido para os exemplos de (4 a ii), o primeiro segmento preenche a Coda de uma sílaba com Núcleo não preenchido e o segundo preenche o Ataque da sílaba seguinte. Nas estruturas [ps] e [bd], propõe-se a criação de um Núcleo não preenchido entre os segmentos da sequência. O primeiro segmento preenche o Ataque de uma sílaba que tem um Núcleo vazio e o segundo segmento constitui o Ataque da sílaba seguinte. Vejam-se as representações em árvore das sílabas iniciais de *sforsu* (diagrama 9), de *psicologjiku* (diagrama 10) e de *obdiensia* (diagrama 11).

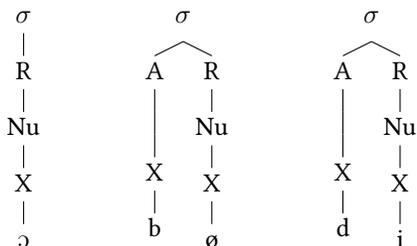
(10) a. Representação de [s.fɔr]



b. Representação de [p.si]



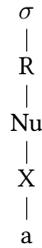
c. Representação de [ɔ.bi.di]



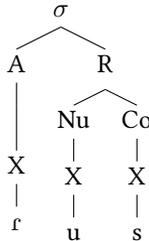
2.2 Rima

A Rima domina dois constituintes terminais, o Núcleo e a Coda, e pode ser não ramificada – quando apresenta apenas um Núcleo – ou ramificada – quando apresenta um Núcleo e uma Coda. Apresentam-se, de seguida, as representações em árvore das duas sílabas de *arus*, que exemplificam os dois tipos de Rima: Rima não ramificada na primeira sílaba (diagrama 12) e Rima ramificada na segunda sílaba (diagrama 13):

- (11) a. Rima não ramificada: [a]



- b. Rima ramificada: [rus]



2.2.1 Núcleo

O Núcleo admite apenas segmentos [-consonântico], i.e., neste constituinte silábico apenas podem ocorrer segmentos vocálicos e glides. O Núcleo pode dominar uma posição no esqueleto, Núcleo não ramificado, ou duas posições no esqueleto, Núcleo ramificado.

2.2.1.1 Núcleo não ramificado A posição no esqueleto dominada pelo Núcleo não ramificado pode ser preenchida por qualquer um dos segmentos vocálicos da língua (/a/, /ɛ/, /i/, /ɔ/ e /u/) ou pode não estar segmentalmente preenchida, em casos particulares, já referidos. Apresentam-se alguns exemplos de palavras, cujas sílabas apresentam Núcleos não ramificados segmentalmente não preenchidos (5a) e Núcleos não ramificados preenchidos por um segmento vocálico (5b):

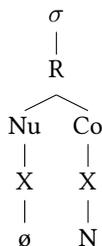
- (12) a. Núcleo não preenchido
 nteres [ø̃n.tɛrɛs] (*interesse*)
 skrita [ø̃s.kɾita] (*escrita*)
 seksa [sɛ.kø̃.sa] (*secar*)
 psikolojiku [pø̃.sikɔ̃ɔ̃ʒiku]
 obdiensia [ɔ̃.bø̃.djɛ̃nsja] (*obdiência*)

- b. Núcleo preenchido por um segmento
 bariga [ba.ri.ga] (*barriga*)
 fiança [fi.ãn.sa] (*garantia*)
 kriansa [kri.ãn.sa] (*criança*)
 zeru [zɛ.ru] (*zero*)
 lingron [lĩ.ŋgrõŋ] (*tipo de molusco*)

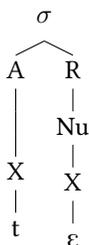
Apresentam-se, de seguida, as representações em árvore das sílabas iniciais de *nteres*, que exemplificam um Núcleo não ramificado, segmentalmente não preenchido (a) e um Núcleo não ramificado, preenchido por um segmento vocálico (b):

(13) Representação em árvore de um Núcleo não ramificado

- a. Segmentalmente não preenchido: [øN]



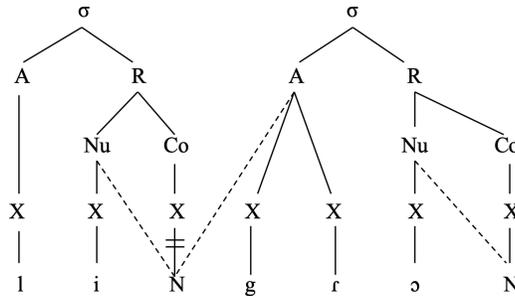
- b. Segmentalmente preenchido: [tɛ]



O exemplo [lĩ.ŋgrõŋ] ilustra a ocorrência de segmentos vocálicos [+nasal] associados ao Núcleo. Porém, de acordo com a análise fonológica dos segmentos vocálicos proposta em Chapouto (2014), estas realizações fonéticas nasais resultam do processo de expansão de nasalidade que ocorre sempre que o segmento vocálico antecede um segmento nasal em posição de Coda, quer este segmento se realize no nível de superfície como nasalidade dos segmentos adjacentes à esquerda e à direita, como ilustra a primeira sílaba do exemplo apresentado, quer se realize como nasalidade do segmento que o antecede e como consoante, como ilustra a segunda

sílaba. Apresentam-se as representações em árvore das duas sílabas de *lingron* que exemplificam o processo de expansão do traço [nasal], que, na primeira sílaba, afeta os segmentos adjacentes à esquerda e à direita e, na segunda sílaba, afeta o segmento vocálico adjacente à esquerda. Nesta representação estão ainda ilustradas duas realizações possíveis do segmento nasal: constituindo com a consoante adjacente à direita um segmento pré-nasalizado, que preenche o Ataque da segunda sílaba, e como segmento consonântico em Coda da segunda sílaba:

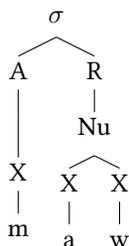
(14) Representação de [lí.ŋgrõŋ].



2.2.1.2 *Núcleo ramificado* O Núcleo ramificado admite uma sequência de segmento [+silábico] e segmento [-silábico]. Apresentam-se alguns exemplos de palavras que contêm sílabas com Núcleo ramificado em posição de início (6a), e de fim (6b) de palavra:

- (15) a. Início de palavra
oito [oj.tu] (*oito*)
aula [aw.la] (*aula*)
- b. Fim de palavra
rei [rẽj] (*rei*)
seu [sẽw] (*céu*)
mau [maw] (*mau*)

(16) Representação em árvore de um Núcleo ramificado: [maw]



2.2.2 Coda

A Coda é o constituinte silábico menos frequente no guineense. Este constituinte domina os segmentos [+consonântico] à direita do Núcleo e o número de segmentos que ocorre nesta posição é muito restrito, apenas /N/, /s/, /l/, /r/, /p/, /t/, /k/ e /f/ podem preencher a Coda de uma sílaba. No entanto, os segmentos /p/, /t/, /k/ e /f/ só ocorrem em monossílabos que são “adjuntos de intensidade”; nas restantes palavras, encontramos apenas /N/, /s/, /l/ e /r/. Este constituinte domina apenas uma posição no esqueleto (Coda não ramificada⁶).

2.2.2.1 *Coda não ramificada* A Coda não ramificada, em sílaba inicial ou interior de palavra, pode estar segmentalmente preenchida por /N/, /s/, /l/ e /r/ e, em sílaba final, além destes segmentos, podem também ocorrer /p/, /t/, /k/ e /f/. Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos das realizações destes segmentos em Coda⁷:

- (17) a. Sílabas iniciais e/ou interiores:
- [n] kanta [kɛn.ta], /kaN.ta/ (*cantar*)
 - [m] kompra [kõm.pra], /koN.pra/ (*comprar*)
 - [ŋ] tabanka [ta.bãŋ.ka], /ta.baN.ka/ (*aldeia*)
 - [s] skrita [s.kri.ta] (*escrita*)
 - [z] mesmu [mez.mu], /mes.mu/ (*mesmo*)
 - [l] falsi [fal.si] (*morrer*)
 - [r] korpu [kor.pu] (*corpo*)

⁶Ressalva-se que não consideramos a existência de Coda ramificada no guineense, uma vez que esta estrutura ocorre apenas num reduzido número de palavras – palavras de origem portuguesa que entraram recentemente na língua, como *transfuson* [trãns.fu.sõŋ] (*transfusão*).

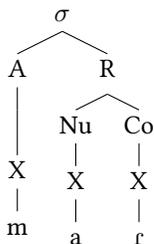
⁷Nos exemplos apresentados para o segmento /N/ em Coda de sílaba interior, consideramos a realização deste segmento como consoante homorgânica.

b. Sílabas finais:

- [ŋ] kamion [kamjõŋ] / [kamjõ] (*camião*)
- [s] des [dɛs] (*dez*)
- [r] mar [mar] (*mar*)
- [p] map [map] (*em cheio*)
- [t] fit [fit] (*ação com velocidade*)
- [k] tok [tɔk] (*conjunção subordinativa temporal*)
- [f] tcif [tʃif] (*lento, silencioso*)

Observando os exemplos, verificamos que os segmentos /N/ e /s/ apresentam diferentes realizações fonéticas em Coda. Quando estão associados a este constituinte silábico, em sílaba não final, /N/ e /s/ encontram-se subespecificados no nível fonológico e, no nível de superfície, assimilam, do segmento adjacente à direita, os traços que não estão indicados na estrutura de base (Chapouto, 2014). O segmento nasal assimila o traço relativo ao Ponto de Articulação e o segmento fricativo assimila o traço [vozeado]. Em sílaba final, /N/ pode realizar-se como nasalidade do segmento vocálico que o antecede e como segmento consonântico ([kamjõŋ]), ou apenas como nasalidade do segmento vocálico que o antecede ([kamjõ]).

(18) Representação em árvore de uma Coda não ramificada: [mar]



3 Padrões silábicos

De acordo com a descrição da estrutura silábica anteriormente apresentada, verificamos que, no guineense, existem sílabas com estrutura V, VG, VC, CV, CVC, CVG, CVGC, CCV, _oC, C_o e CCVC. Embora seja possível encontrar estruturas com CC em Coda, dado que estas ocorrem apenas num reduzido número de neologismos ou novas formas de palavras já integradas, não se considera a existência desta estrutura nos padrões silábicos da língua.

Apresenta-se, na tabela 1, a percentagem de ocorrência de cada estrutura silábica no *corpus* composto por 2534 sílabas.

Padrões silábicos	Nº de sílabas	Porcentagem
CV	1829	72,2 %
CVC	219	8,6 %
V	209	8,3 %
CCV	99	3,9 %
CVG	48	1,9 %
VC	48	1,9 %
C _o	41	1,6 %
CCVG	23	0,9 %
CVGC	8	0,3 %
VG	6	0,2 %
_o C	4	0,2%

Dos padrões enumerados, o mais frequente e que constitui a sílaba ótima nesta língua é CV. Pela baixa frequência com que ocorrem e pela complexidade que apresentam, consideramos marcados os padrões com frequência igual e inferior a 1,9%.

Todos os padrões silábicos enumerados existem na língua que constitui a base lexical deste crioulo e os padrões silábicos V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC são também comuns a algumas línguas de adstrato, como o mancanha, o manjaco e o pepel (Mane, 2001). Na língua fula, segundo Moura (2007), existem os padrões V, VV, VC, CV e CVC. Nestas línguas étnicas, CV é também a estrutura silábica ótima e CVC é o segundo padrão mais frequente (Mane, 2001; Moura, 2007). De acordo com a proposta de Mane (2001), no mancanha, no manjaco e no pepel, não existem sequências (C)VG. Assim, a existência desta estrutura silábica no guineense parece resultar da influência da língua de superstrato. O Ataque ramificado é uma estrutura pouco frequente no guineense e, embora também seja comum a algumas línguas étnicas, as possibilidades de combinação de segmentos nesta estrutura são muito semelhantes às do português. Da comparação dos padrões silábicos existentes no crioulo, no português e nas línguas étnicas referidas, parece evidente a existência de influência tanto da língua que constitui a base lexical como das línguas de adstrato.

Esta proposta de descrição dos padrões silábicos existentes no guineense difere, em alguns pontos, das interpretações dos investigadores que trataram esta questão. Couto (1994) atesta a existência das estruturas V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC, mas não menciona as estruturas em que ocorrem VG, embora considere que as glides fonéticas pós-vocálicas correspondam a vogais assilábicas em estrutura de base. Além disso, o autor apresenta a estrutura CCCV, sendo a sequência consonântica constituída

por segmento fricativo + segmento oclusivo + segmento vibrante / segmento lateral. Neste trabalho, esta estrutura não está contemplada entre os exemplos de possíveis estruturas silábicas porque não foi interpretada como uma sequência homossilábica. Mane (2001), à semelhança de Couto (1994), também não considera a existência de estruturas com VG e Andrade *et al.* (1992) referem a existência de todas as estruturas apresentadas.

4 Considerações Finais

No domínio silábico, confirmámos que CV é o padrão silábico ótimo do guineense e, além desta estrutura, encontramos V, VG, VC, CVC, CVG, CVGC, CCV, _oC, C_o e CCVC. A proposta de existência destas estruturas resulta da aplicação dos princípios universais de boa formação silábica, pois, de acordo com estes pressupostos, propusemos o estabelecimento de fronteiras silábicas em sequências que, em superfície, não respeitam as condições de boa formação silábica. De acordo com a fonologia da língua e com a frequência com que ocorrem, considerámos CVG, CVGC, VG, VC, _oC, C_o e CCVC estruturas marcadas.

Referências

Andrade, E., Gomes, A. & Teixeira, I. 1992. Observações sobre o Sistema Acentual do Crioulo da Guiné-Bissau (CGB). In E. d' Andrade, & A. Kihm (Orgs.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa* (135-140). Lisboa: Edições Colibri.

Chapouto, S.M. 2014. Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do guineense. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.

Couto, H. H. do. 1994. *O Crioulo Português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.

Ewen, C. J. & Hulst, H. van der. 2001. *The Phonological Structure of Words: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

Goldsmith, J. A. 2011. The Syllable. In J. A. Goldsmith, J. Riggle, & A. C. L. Yu. (Eds.), *The Handbook of Phonological Theory* (2^a ed.), 164-196. Oxford: Wiley-Blackwell.

Kihm, A. 1994. *Kriyol Syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea Bissau*. Amsterdam: Benjamins.

Mane, D. 2001. Estudo comparativo entre a fonologia do crioulo guineense, a do manjaco, a do mancanha e a do Pepel. *Papia*, 11, 105-109. Disponível em <http://revistas.flch.usp.br/papia>, acessado em 2 de outubro de 2012.

Mane, D. 2007. Os crioulos portugueses do golfo da Guiné: Quatro línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua? Tese de doutoramento, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3078> , acessado em 2 de outubro de 2012.

Mateus, M. H. M., & Andrade, E. d'. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

Mateus, M. H. M., Falé, I., & Freitas, M. J. 2005. *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Selkirk, E. O. 1982. The Syllable. In J. A. Goldsmith (Ed.) *Phonological Theory: the essential readings*, 328-350. Massachusetts: Blackwell Publishers.

Scantamburlo, L. 1999. *Dicionário do Guineense: Introdução e Notas Gramaticais* (vol. 1). Lisboa: Edições Colibri/FASPEBI.

Scantamburlo, L. 2002. *Dicionário do Guineense: Dicionário guineense-português / Dicionariu guinensi-purtuguês* (vol. 2). Bissau: Edições FASPEBI.

Recebido: 05/01/2019

Aprovado: 03/04/2019
